

DEZ ANOS EM DES.L.O.C.CAMENTO: produções poéticas em circulação para conscientizar processos de recriar a terra e a vida

ALICE JEAN MONSELL¹¹⁰
; VIVIAN MAURER PARASTCHUK¹¹¹

Resumo: O trabalho aborda as produções artísticas e exposições coletivas dos projetos de pesquisa e extensão Sobras do Cotidiano e Contexto de Atuação dx Artista entre 2012 e 2022, que focam na conscientização ecológica sobre nossa terra devastada, e no uso de materiais reaproveitados no desenvolvimento de uma poética visual contemporânea. As obras discutidas partem de procedimentos artísticos do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel): o ato de caminhar e observar o entorno ambiental. Desta abordagem, emerge uma variedade de produções artísticas e formas de sua apresentação e circulação.

Palavras-chave: Artes visuais; Deslocamento; Terra.

Introdução

Em 2012 fui convidada pela criadora do grupo de pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas (CNPq/UFPel), profa. Dra. Duda Gonçalves, para ser 'co' líder do grupo de pesquisa. Nesta época, pesquisamos sobre a paisagem, e caminhamos em grupo em Marambaia, ao realizar a proposta *Marambaiar*, com muitos participantes, brotando em cada colaborador sua própria maneira de produzir arte, despertada pela ação coletiva – o ato de caminhar¹¹². Esta experiência mostrou a possibilidade de como uma professora e artista poderia ser orientadora, proponente, facilitadora e colaboradora de produções artísticas dos membros de um projeto de pesquisa em Artes Visuais. Até aquele momento, havia observado como os projetos de pesquisa em artes, para os estudantes dos cursos do Mestrado e Doutorado em Artes Visuais, tendem focar na produção poética individual. Mas, a partir de 2009, quando comecei a trabalhar na UFPel, minha posição (papel e função) dentro do sistema universitário havia se deslocado de aluna para professora, e não foi claro como abordar a possibilidade de incluir *outros artistas* num projeto de pesquisa em poéticas visuais, sem ferir a expressão singular de cada pessoa, ou desviar o rumo autêntico para seu processo criativo. O ato de caminhar se transformou em método lúdico e livre para engatilhar as produções e processos criativos individuais e coletivos do grupo.

¹¹⁰ Doutora em Artes Visuais e professora associada da Universidade Federal de Pelotas; líder do grupo de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas (CNPq/UFPel).

¹¹¹ Bolsista PROBIC/ FAPERGS 2022-2023 e discente do curso do Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

¹¹² Uma parte desta produção está no ensaio visual: *Des/OCC para Marambaiar: Roteiros, Narrativas e Espaços de Artista*. In. Paralelo 31, no. 16, vol. 1, 2016, disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10197>> e em: <https://issuu.com/alicemon/docs/deslocc_para_marambaiar_roteiros_narrativas_e_esp>.

Mais ou menos em 2012, criei o primeiro projeto de pesquisa, vinculado ao grupo de pesquisa DESL..O.C.C, que investiga questões que cruzam a arte e a ecologia: Sobras do Cotidiano e da Arte: Contextos, reaproveitamento, diálogos e documentação do lixo em deslocamento entre o espaço privado e público. Lancei a proposta artística chamada *Caminhos do lixo*, que foi uma tentativa de cartografar o trânsito do lixo da minha casa para outros locais em Pelotas. A proposta gerou uma série de ações de limpeza pública e caminhadas com colaboradores e bolsistas vinculados ao curso do Bacharelado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel entre 2012 e 2019.



Figura 1. Portfólio de Alice Monsell, que mostra produções visuais da série *Caminhos do lixo*, 2012-2020. Fonte: https://issuu.com/alicemon/docs/portofolio_alicemonsell-os-caminhos-do-lixo1-9-20e.

Em 2020, preparei o portfólio digital *Os Caminhos do lixo* (Figura 1) que documenta os desenhos, performances, instalações e participações em exposições em Pelotas e Porto Alegre, bem como mostra registros de caminhadas com colaboradores e as *Ações de Limpeza Pública* em Pelotas, Laranjal e Rio Grande, realizadas em grupos pequenos de entre dois e dez pessoas, de idades diversas.

Muitas produções desta série são desenhos em grafite ou caneta esferográfica, elaborados a partir dos registros fotográficos tirados durante as caminhadas em grupo. Este desenho (Figura 2) é uma composição baseada em fotos da primeira caminhada em Marambaia do grupo de pesquisa DESL..O.C.C. No processo de desenhar, utilizei as fotos digitais, projetadas na tela do monitor do meu computador para desenhar as garrafas e o lixo misturadas entre as gramas na beira do canal São Gonçalo. Comecei a desenvolver uma técnica que evite o uso da sombra para enfatizar as linhas e o padrão visual orgânico. Notei como a poluição da terra é invisível e camuflada pela

complexidade visual da vegetação. A imagem tenta re-apresentar esta experiência de camuflagem e a percepção difícil de situações destrutivas no ambiente natural.



Figura 2. Alice Monsell, *Sobramambaia*, grafite sobre papel canson, 2012. Arquivo: da autora.

Em 2016, surgiu a primeira proposta coletiva de *Caminhada e Ação de Limpeza Laranjal*, edições do quais foram realizadas uma vez por ano até 2020. As caminhadas são importantes para estimular a produção de bolsistas e colaboradores discentes e a conscientização sobre o reuso e a necessidade de diminuir a compra de materiais para fabricar uma produção artística, quando há muitos materiais reaproveitáveis para reutilizar em nossas casas. Desta vontade de reaproveitar materiais, surgiu o conceito de “sobras do cotidiano” que indica qualquer material que sobra de processos de uso e práticas cotidianas e que poderia ser incorporado numa produção visual para gerar processos de resistência, recriação, transformação e reconstrução, potencializando um pequeno gesto acumulativo que nega os processos entrópicos irreversíveis, os quais desequilibram os sistemas ecológicos, culturais e naturais da terra.



Figura 3. Registro da *Caminhada e Ação de Limpeza Laranjal I*, 2016. Foto: Paulo Junqueira de Araújo.

Na primeira caminhada de 2016 (Figura 3), participaram crianças, discentes, pessoas já formadas dos cursos de Artes Visuais e de outros da UFPel. Com uma sacola em mão, catamos o lixo ao longo das margens da lagoa dos Patos. Em pouco tempo, as sacolas ficaram cheias, embora a paisagem não revelou quantos detritos estavam escondidos na areia, na água e na vegetação. Estas ações coletivas foram divulgadas com cartazes e em redes sociais para convidar o público em geral para participar da ação de caminhar na praia de Laranjal, na Lagoa dos Patos em Pelotas, RS (Figura 4).



Figura 4. Cartaz de divulgação da *Caminhada e Ação de Limpeza Laranjal VI*, 2019. Cartaz Rogger Bandeira, fotografia de Alice Monsell.

Oficinas e Exposições *Sobras do Cotidiano I e II*

O processo de formar um grupo de pesquisadores dentro de um projeto é lento. Inicialmente, levei um ano marcando reuniões, ainda sem bolsistas, esperando numa sala vazia, até conseguir criar métodos para gerar interesse de colaboradores nessa pesquisa em arte sobre o meio ambiente. Uma tática de gerar envolvimento foi a criação do projeto de extensão Contextos de Atuação do Artista (2016-2021), em que estudantes ministram Oficinas de Reaproveitamento Material Artístico, para o público em geral, fora do espaço universitário, principalmente com crianças do bairro do Porto, no espaço cultural chamado Katangas, um galpão localizado na beira do canal São Gonçalo em Pelotas, que se transformou numa organização não governamental (ONG) - o Instituto Hélio D'Angola - que organiza eventos culturais e reforço escolar para a vizinhança. Para realizar as oficinas, consegui bolsistas de extensão a partir de 2016 ou convidei colaboradores voluntários para ministrar as oficinas divertidas (Figura 5).



Figura 5. Bolsista voluntária Vivian Parastchuk auxilia as crianças que imaginam o que gostariam de criar a partir de materiais colecionados em casa, durante a oficina realizada no galpão do Instituto Hélio D'Angola, no Quadrado, bairro do Porto, Pelotas, 2019. Foto: Da autora.

Outra ação e tática para gerar interesse estudantil na pesquisa é: “fazer uma exposição”, muitas vezes com colaboradores sem nenhuma produção poética quando entram no grupo. As duas exposições presenciais realizadas até o momento se tratam de propostas curatoriais que se desviam do habitual, devido a sua abordagem horizontal, ao incluir, convidar e expor junto professores-doutores, artistas já formadas e atuantes profissionalmente, mestrandos, estudantes dos cursos de graduação em Artes Visuais, bem como, incluindo a participação de produções de crianças do projeto de extensão realizado no galpão Katangas. A primeira exposição coletiva *Sobras do Cotidiano I* de 2018 possui um catálogo que apresenta as obras expostas, (disponível em: https://issuu.com/alicemon/docs/catalogo-sobras_do__cotidiano_1_2018):

A exposição coletiva *Sobras do Cotidiano*, meio ambiente, deslo..c...amentos, poéticas de resistência, [realizada] no Hello Hostel Pelotas é uma consequência de seis anos de pesquisa que objetiva fomentar a reflexão crítica sobre o uso de materiais reaproveitados na produção de arte contemporânea. A exposição é vinculada aos projetos de pesquisa *Sobras do Cotidiano e Contextos dx Artista em Deslocamento* (9132) [...] e ao Grupo de pesquisa *Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas* CNPq/UFPel, bem como à produção [de mestrandos ...] em Artes Visuais da UFPel.

Algumas obras da mostra exibem imagens da realidade de Pelotas, fotografadas durante uma caminhada, pelo bolsista de extensão Gustavo Cabra, que registrou imagens que são difíceis de encarar: *Cavalo comendo lixo* e *Cavalo jogado no lixo*. Decidimos utilizar papel reciclado com gramatura de 240 para a impressão gráfica, uma decisão que foi um meio termo ético para trabalhar com a impressão a laser de múltiplos e, ao mesmo tempo, se manter dentro dos parâmetros do projeto

que visa “não comprar materiais” para a produção artística. Desta maneira, diminuámos o consumo excessivo de materiais primas, optando pelos “materiais de segunda mão” e a matéria “não prima”, como na instalação de milhares de bitucas de cigarro, catados e organizados num canto do Hostel por Gustavo Cabra (Figura 6).

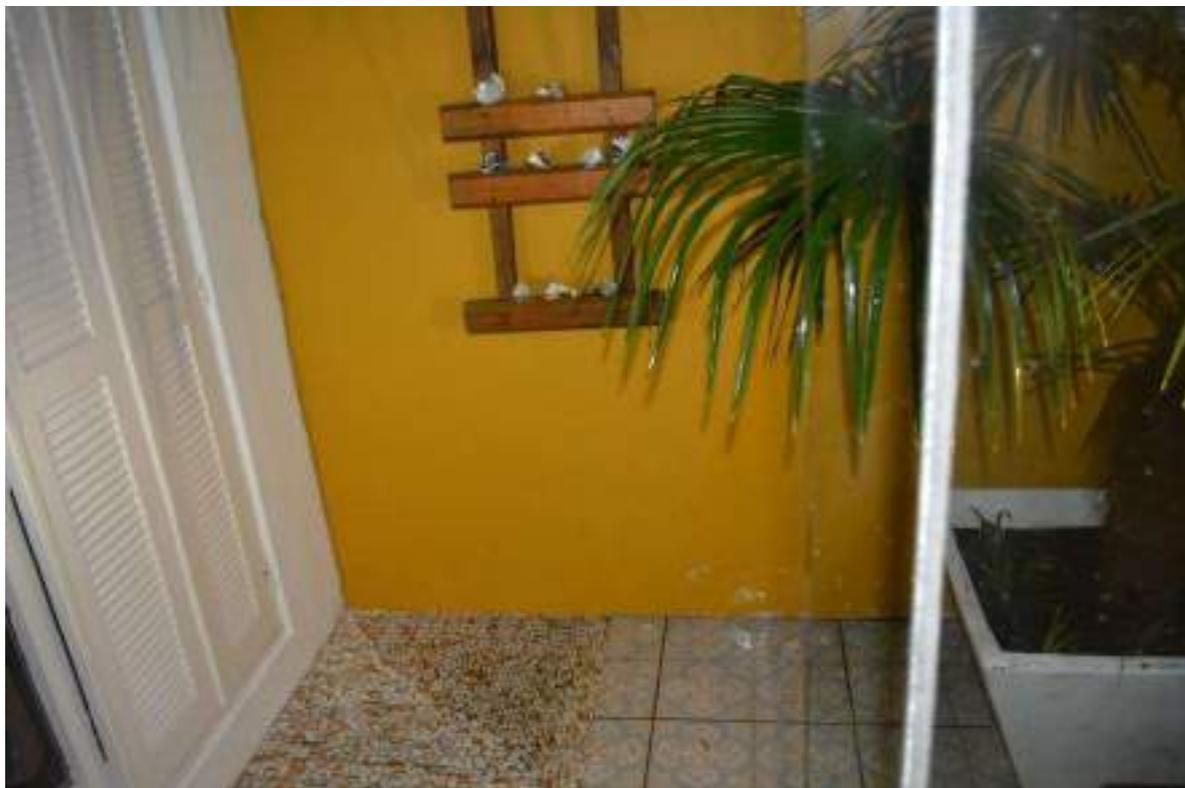


Figura 6. Gustavo Cabra, *Jardim do sufoco*, bitucas, 2018. Foto: A autora.

A assemblagem pictórica de Rogger Bandeira, *Desconfronto*, foi construída a partir da inserção de sacolas plásticas de chips num colchão de molas de uma cama (Figura 7).



Figura 7. Rogger Bandeira, *Desconfronto*, sacolas e colchão de molas, 2018. Foto: A autora.

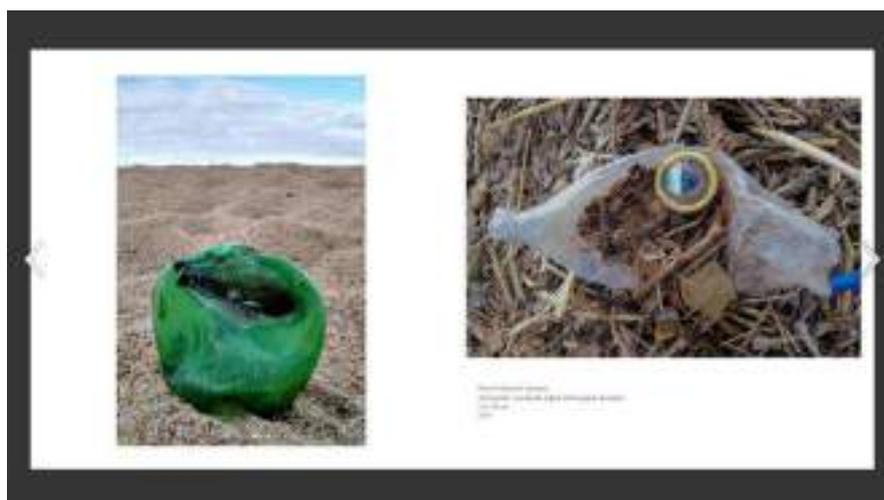


Figura 8. Um print do catálogo virtual da segunda exposição coletiva de 2019 mostra duas propostas de arte postal da Vivian Maurer Parastchuk. Fonte: https://issuu.com/alicemon/docs/catalogo_dia_31-12sobras_do_cotidiano_ii_finaldivu.

A segunda exposição coletiva do projeto, intitulada *Sobras do Cotidiano II: Deslocar, Re(ver) e Transformar*, foi realizada em novembro e dezembro de 2019, no espaço alternativo, a *Garagem Experimental*, no Centro de Pelotas. O catálogo de 2019 registra trabalhos, como a proposta coletiva de arte postal (Figura 8), exemplificada pelo print dos impressos de arte postal da atual bolsista PROBIC/FAPERGS Vivian Maurer Parastchuk. As imagens tiradas durante uma caminhada apresentam o lixo observado na praia de Laranjal em Pelotas, com títulos curiosos e irônicos: *Água de coco* e *Peixe exótico no Laranjal*. O catálogo virtual está

disponível em: https://issuu.com/alicemon/docs/catalogo_dia_31-12sobras_d_o_cotidiano_ii_finaldivu.

Ações da arte e ecologia problematizando o gênero

Em 2017, notei a tendência de surgir questões identitárias e de gênero entre os colaboradores do grupo. Isso me levou a adaptar a pesquisa para potencializar questões ecológicas e de gênero em propostas coletivas. Mas inicialmente esta vontade se efetivou de forma inesperada na ação *Almoço da Grama*, que envolveu, primeiro, uma caminhada até um bosque onde havia uma acumulação de lixo em sacolas e outros refugos, localizada em frente da Reitoria do Campus Anglo da UFPel. Segundo, a ação consistia do ato de recriar a pintura a óleo do pintor francês Edouard Manet, *Déjeuner sur L'Herbe* (1865-66) que mostra duas figuras femininas nuas e dois homens vestidos num bosque durante um piquenique. A recriação do quadro, performada pelos estudantes, teve a intenção inicial de registrar as práticas de depósito clandestino de lixo em Pelotas. Mas, depois da oficina, ao olhar as fotografias, notamos como as fotos problematizam o gênero binário das figuras, masculino e feminino, do quadro original de Manet. Nas fotografias geradas durante a oficina, as figuras performadas pelos estudantes apresentam uma ambiguidade de gênero, ou gênero não binário.

Desde sua criação, estas imagens circulam em vários contextos: em publicações e exposições coletivas virtuais entre 2021 e 2022, incluindo a III Exposição Internacional de Arte e Gênero, uma mostra virtual organizada pelo espaço Cultural Armazém – Coletivo Elza de Florianópolis, SC e com curadoria de Rosa Maria Blanca (UFSM) (ver: <https://www.projetoarmazem.com/arteegenero-sala1>). Uma imagem da série participou das *Projeções 8M* no Dia Internacional da Mulher de 2022, evento realizado pelo grupo de pesquisa Cidadania e Arte, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, que divulgou o evento (em: <https://www.ufrgs.br/prorext/projecoes-urbanas-lembram-lutas-e-conquistas-das-mulheres/>):

A ação Projeções 8M exibirá trabalhos enviados por artistas de diversos países, a partir das 20h, em três pontos no centro da capital: nas fachadas do Centro Cultural da UFRGS (Eng. Luiz Englert, 333) e da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (Sarmiento Leite, 245) e no entorno do Instituto de Artes da UFRGS (Senhor dos Passos, 248). Neste último ponto, as projeções serão acompanhadas por uma intervenção de arte sonora.

A série também foi discutida no texto *Lendo algumas imagens entre os bosques do tempo*, da Dra. Cláudia Vicari Zanatta da UFRGS, no livro *Arte e subjetividades: curadorias, leituras e identidades*, organizado pela Dra. Rosa Maria Blanca (ver: www.ufsm.br/app/uploads/sites/740/2022/03/Arte_Subjetividades_curadorias_leituras_identidades.pdf).

Desenvolvimento e discussão

A partir de 2020 e com o advento da pandemia COVID-19, percebemos¹¹³, cada vez mais, produções poéticas que enfatizam a casa, a figura humana e reivindicam a relação entre o ser humano e seu entorno ambiental. Perguntamos sobre a presença dessas imagens do corpo no contexto da casa, pensando que sua abundância não seja somente um efeito da pandemia ou da impossibilidade de realizar exposições presenciais e encontros em grupo. Com a pandemia, a produção artística talvez tenha diminuído, mas aumentou as participações em exposições digitais.

Antes de 2020, poucos artistas cogitaram veicular suas produções artísticas em exposições online. Alguns colaboradores do projeto trabalham com múltiplos, fabricados manualmente a partir de materiais reaproveitados ou com a impressão digital sobre papel reciclado, os quais, desde 2012, foram distribuídos de mão em mão. Foi necessário repensar os projetos no contexto pandêmico. A situação da terra mudou, junto com as possibilidades de arte, sua apresentação e sua circulação. No projeto de pesquisa, começamos a sentir que havia, cada vez mais, uma proliferação de imagens digitais - fotografias, obras digitalizadas, fotomontagens. Ao invés da performance presencial, surge suas formas gravadas de foto performances e vídeo performances. Isso, em parte, parece ligado à pandemia, embora outros fatores também possam ser agentes, tais como a facilidade e baixo custo, para o artista, de transportar ou enviar obras sob forma digital.

Entre 2020 e 2022, fizemos um recorte para refletir sobre quatro exposições coletivas e virtuais, nas quais participamos. A primeira é a II Mostra Latino-Americana de Arte e Educação Ambiental - II MOLA, exposição vinculada ao XII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, promovida pelo Programa de Pós-Graduação

¹¹³ Esta parte do texto foi escrita em coautoria para o projeto de pesquisa atual Sobras do Cotidiano e Contextos dx Artista: Deslocamentos Físicos e Virtuais, portanto, usamos a forma verbal na primeira pessoa do plural ou do singular quando se trata da discussão de uma obra autoral.

em Educação Ambiental do PPGEA, da FURG, realizado entre dia 03 e 26 de novembro de 2020 no site e na plataforma Instagram do evento, que ainda está disponível para visitação (<https://www.instagram.com/mostralatinaea/>). Nesta, foi mostrada a fotografia digital intitulada *Peixe exótico no Laranjal*, um trabalho impresso de arte postal produzido em 2019 (discutido acima), que foi adaptado para o meio digital (i.e. sem impressão). Nesta exposição, também foi apresentada a fotografia digital, intitulada *Deslocamentos de Reflexos a-naturais*, a qual foi destacada na discussão da *Segunda LIVE da MOLA*, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1XdR9UggITg&t=74s>.

A segunda exposição coletiva e virtual em que participamos é a III DES..L.O.C.C. as Paisagens Cotidianas: Paisagens a Domicílio, promovida pelo grupo de pesquisa Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas /DES.L..O.C.C.(CNPq/UFPel), (disponível em: <https://deslocc.hotglue.me/>). Para realizar a mostra online, o grupo DES.L..O.C.C., que normalmente trabalha com caminhadas e a percepção direta do entorno, repensou a noção da paisagem dentro da própria casa. Com abertura no dia 27 de agosto de 2021 e ainda disponível para visitação no site, podem ser vistos dois trabalhos em fotografia de minha autoria. A primeira, *Paisagens residuais* se trata de uma sequência de fotos de sobras de tecido dispostas numa composição de grade. Essa foi impressa em papel fotográfico em 2019 e digitalizada para essa mostra online. Em contraste, a foto performance intitulada *pesar do cotidiano imutável* foi feita durante a pandemia e elaborada somente usando m dias digitais. A sequência horizontal de quatro imagens apresenta meu corpo deslizando de uma cama, quadro por quadro, mostrando o peso mole de um corpo em queda lenta.

A terceira exposição coletiva internacional e virtual foi chamada Chinelagem, realizada pelo coletivo de artistas da Editora N made de Pelotas. A abertura ocorreu no dia 27 de fevereiro de 2021, (cujo link é atualmente indisponível). Nesta, expus *vazio pand mico*, uma fotografia digital com edição digital. Como consta no convite da exposição: "Chinelagem aqui não diz de algo negativo, mas da potência da própria resistência em sobreviver transformando-se de forma a acolher as adversidades" (RODRIGUES, 2021).

A exposição virtual, *Imagem sensível de memórias possíveis*, se trata de um projeto contemplado pelo edital Movimento Pr mio da Cultura Pelotense, através da Lei Aldir Blanc, coordenado pelo artista e curador Gabriel Bicho, que resultou em uma exposição coletiva, com abertura em 15 de fevereiro de 2021 e disponível pelo

Instagram e com um catálogo digital (<https://linktr.ee/imagemsensivel>; https://issuu.com/imagemsensivel/docs/cata_logo_ismp).

Nessa exposição, apresentei a fotografia digital *corpo-subterfúgio* que consiste em quatro fotografias dispostas num arranjo quase espiral, as quais mostram meu corpo nu, mas não meu rosto: meu “corpo entra nos vazios, cantos e frestas não habitados, e não permanecidos [da casa], como uma forma de fugir do cotidiano imutável”, de isolamento social.

Considerações finais

Ao longo de dez anos, caminhamos no entorno de Pelotas e dentro de nossas casas, relacionando nossos corpos em movimento com o entorno doméstico, acadêmico e natural, através dos processos de criação da arte e da recriação de nossas vidas que passam pelas crises ambientais, pessoais, sociais, políticas e de saneamento. Os projetos de pesquisa sobram deste cotidiano e adaptamos nossos procedimentos e modos de circular a arte de acordo com estas realidades em mutação, ao resistir os processos que se dirigem à perda identitária ou ambiental, buscando modos lúdicos e resistentes de recriar e reconstruir a vida e perceber nós mesmas.

REFERÊNCIAS

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gil, 2013.

_____. Formas da Apresentação: documentação, práticas e processos artísticos. In. ANAIS 17º Encontro Nacional da ANPAP: Panorama da Pesquisa em Artes Visuais – 19 a 23 de agosto de 2008 – Florianópolis, p. 1734-1744.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte**, v. 7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713/16324>. Acesso: 13 out. 2021.

RODRIGUES, D. Exposição Internacional Chinagem terá abertura neste sábado 27 de fevereiro. **e.cult**. Disponível em: <https://ecult.com.br/topo/exposicao-internacional-chinagem-tera-abertura-neste-sabado-27-de-fevereiro>. Acesso em: 23 mai. 2022.